

INVISÍVEIS NA ESCOLA: RESSIGNIFICANDO PEDAGOGIAS DE ACOLHIMENTO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES ADOTADOS E INSTITUCIONAIS

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-180>

Data de submissão: 14/10/2024

Data de publicação: 14/11/2024

Cristiane Backes Welter

Doutora em Educação

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS)

E-mail: cbwelter@ucs.br

Leticia Capra Rossetti

Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Linha de Pesquisa: Processos Educacionais, Linguagem, Tecnologia e Inclusão

E-mail: lcrosset@ucs.br

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa sobre acolhimento institucional de crianças e adolescentes que investigou a necessidade de ressignificar as Pedagogias do Acolhimento Familiar para reverter sua invisibilidade nas escolas. As contribuições de Freire (2000) e Skliar (2019) sobre inclusão e diversidade apontaram para a necessidade de maior atenção à singularidade de cada criança e adolescente matriculado no ensino fundamental. Foi realizado um estudo de caso baseado em Yin (2000), onde foram realizadas três entrevistas com o professor, coordenador pedagógico e diretor; quatro entrevistas com famílias de crianças adotadas; e uma oficina com vinte e dois alunos de uma escola municipal de Caxias do Sul/RS, Brasil. As categorias de análise foram construídas considerando as pedagogias do acolhimento, o planejamento da estratégia pedagógica para crianças e adolescentes adotada e o impacto do cuidado institucional para crianças. Foi possível observar que quando a condição de adoção ou acolhimento institucional é invisibilizada nos espaços educativos, pode provocar mudanças significativas na aprendizagem e no desenvolvimento desses seres humanos. Para análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1994). Os resultados indicaram que é necessário realizar ações inclusivas que considerem as diferenças de crianças e adolescentes adotados ou em acolhimento institucional.

Palavras-chave: Educação. Invisível. Adoção.

1 INTRODUÇÃO

Podemos especificar que os indivíduos considerados invisíveis são aqueles que sofrem com a marginalização e exclusão social, muitas vezes ignorados e desconsiderados pela sociedade. No entanto, essa invisibilidade não se deve apenas à falta de atenção, mas também à sensação de desconforto que esses grupos causam em quem não quer alcançar os outros. Esta atitude de indiferença pode ter consequências graves e perpetuar a exclusão social destes indivíduos. A invisibilidade social é um fenômeno psicossocial pelo qual um sujeito com capacidade de se relacionar é apagado por outro. É o resultado de um ciclo, causado pela desigualdade e distanciamento social.

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa sobre acolhimento de crianças e adolescentes adotados e institucionalizados que investigou a necessidade de ressignificar as Pedagogias do Acolhimento Familiar para reverter a invisibilidade desses seres humanos nas escolas. Mesmo em um espaço institucional como a escola, essas crianças e adolescentes precisam de carinho, atenção, apoio e proteção, para que possam viver felizes, realizados e amparados socialmente. Em muitos momentos, o trauma é mais forte e inibe o desenvolvimento da criança e do adolescente, que também não recebe todo o apoio institucional, pois as instituições atendem inúmeras crianças e adolescentes ao mesmo tempo. Dessa forma, torna-se invisível a necessidade de atentar para as particularidades dessas crianças.

As contribuições de Freire (2000) e Skliar (2019) sobre inclusão e diversidade apontam para a necessidade de maior atenção à singularidade de cada criança e adolescente matriculado no ensino fundamental. Neste artigo, é possível encontrar uma conexão com as ideias do autor Paulo Freire, que enfatizou a importância de humanizar a si mesmo e aos outros. Ele também tinha a convicção de que a educação poderia preservar e transformar a ordem social atual. E na narrativa de Skliar, cada indivíduo precisa se sentir bem-vindo, visto e incluído nos relacionamentos diários, independentemente de sua situação. Podemos relacionar esse entendimento aos casos de acolhimento institucional, por se tratar de uma medida protetiva, excepcional e temporária que visa abrigar meninas e meninos que se encontram em situação de vulnerabilidade, maus-tratos, abandono, violência física, abuso sexual ou outra situação que viole a garantia de proteção e dignidade.

Foi realizado um Estudo de Caso, com base em Yin (2000) por meio de três entrevistas com a professora, coordenadora pedagógica e diretora; quatro entrevistas com famílias de crianças adotadas; e uma oficina com vinte e dois alunos de uma escola municipal de Caxias do Sul/RS, Brasil. Foram construídas categorias de análise que tratam das pedagogias do acolhimento, do planejamento da estratégia pedagógica e do impacto do acolhimento institucional para crianças e adolescentes que

vivem em acolhimento institucional ou são adotados. Para análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin (1994).

Nesse sentido, este artigo está organizado em três subtítulos que discutem, inicialmente, a concepção de invisíveis e sua relação com os estudos em educação e acolhimento humano, com base nos interlocutores teóricos já citados anteriormente. O segundo subtítulo apresenta a metodologia escolhida para o desenvolvimento da pesquisa, a partir dos procedimentos utilizados para a construção de uma visão panorâmica do tema, analisando as sete entrevistas realizadas por: um diretor, um professor, um coordenador pedagógico e outras quatro famílias que adotaram crianças e adolescentes, além de uma oficina de integração com 22 alunos do terceiro ano do ensino fundamental. O último subtítulo consiste em apresentar os resultados da pesquisa construída a partir da análise das entrevistas, na qual é possível compreender as categorias de Pedagogias do Acolhida, Planejamento Pedagógico e Impactos do Acolhimento Institucional que emergiram da pesquisa.

2 DIÁLOGOS ENTRE OS CONCEITOS: INVISÍVEIS, EDUCAÇÃO E ACOLHIMENTO

O professor é o mestre, a inspiração e a referência que tem a percepção de incluir os excluídos. Com uma linguagem poética e reflexiva, Le Clézio (1994) em *Os Filhos da Pobreza*, leva o leitor a refletir sobre as desigualdades e injustiças sociais que afetam milhões de pessoas em todo o mundo. A obra é uma denúncia da realidade enfrentada pelos excluídos e uma homenagem à resistência e dignidade daqueles que lutam por uma vida melhor, mesmo diante de inúmeras adversidades. As falas encontradas refletem o pensamento de que as pessoas não querem ver a realidade, principalmente a mesma realidade dessas crianças e adolescentes que estão tão sofridos e desassistidos, adotados ou em situação de acolhimento institucional.

Os autores Welter e Werle (2021) destacam a situação dos alunos que são invisibilizados em avaliações em larga escala no Brasil, mostrando que a produção do texto legal resulta na situação de invisibilização dos alunos da Educação Básica, tendo seu desempenho escolar e suas identidades ignoradas pela sociedade. Nesse sentido, a pesquisa realizada buscou dar visibilidade às crianças e adolescentes adotados ou em acolhimento institucional nas escolas, pois é fundamental que sejam vistos como indivíduos com todas as suas potencialidades. No entanto, muitas vezes, essas crianças e adolescentes se fecham em um mundo frio e distante, para evitar a tristeza e resultar na perda da docura e da alegria de viver.

Existem diferenças significativas entre a criança que vive com a família e a criança em um orfanato, e essas diferenças precisam ser consideradas pelas escolas e pelos professores que trabalham com elas. Apesar disso, pesquisas realizadas nas dissertações de Martins (2020), Pinto (2016) e

Serikawa (2015) indicam que muitos professores e suas respectivas escolas não questionam o contexto e a realidade em que essas crianças vivem, o que pode contribuir para a invisibilidade desses alunos e dificultar as práticas de educação inclusiva.

“Os estrangeiros” de Buarque (2002), é uma obra de ficção que retrata a situação de exclusão social de milhões de pessoas que vivem à margem da sociedade globalizada. A autora, que é política e educadora brasileira, utiliza o recurso da opinião na fronteira dos séculos para apresentar diferentes perspectivas sobre os problemas sociais do mundo contemporâneo. De acordo com Buarque (2002, p. 15), *estrangeiros* são aqueles que vivem em seu próprio país como se fossem estrangeiros. O autor também conclama os jovens e a sociedade a construírem um futuro melhor para todos, por meio da defesa do Movimento pela Segunda Abolição do Brasil: a erradicação da pobreza até 2022. Valeu a intenção do autor, mas em 2024 as pessoas ainda sofrem com a fome, a miséria, gerando tristeza e, consequentemente, vulnerabilidades. O fundamental é a consciência da realidade para propor novas ações na sociedade.

Na escola não pode ser diferente. Quando um professor entra na sala de aula com um olhar generoso, é possível que ele alcance até os mais “discretos” e os receba. É um olhar que exige empatia e generosidade por parte do profissional. Portanto, nesta pesquisa, é possível encontrar uma conexão com as ideias de Freire (1996, p. 47) que aponta para a segurança com que a autoridade docente se movimenta, e isso implica em sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente é exercida sem essa competência. O professor que não leva a sério sua formação, que não estuda, que não tenta estar à altura de sua tarefa, não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. No entanto, certamente, se a equipe escolar identificar falhas no ensino, estas serão necessárias.

A preparação de bons professores na continuidade de sua formação é cercada por aprendizagens que vão muito além do conhecimento didático e das fórmulas matemáticas, como afirma Freire (2014, p. 25) “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades de sua própria produção ou construção. Essa afirmação está em consonância com o artigo de Batista (2001), quando um aluno ‘invisível’ em sala de aula estava fadado ao fracasso. Por outro lado, nas ruas, com a venda de frutas nos semáforos, o mesmo aluno invisível executa com maestria a prática da matemática. A questão é: por que separar essas duas realidades? Talvez existam inúmeras respostas para essa pergunta, mas nesta pesquisa, levantamos a hipótese de que essas crianças que passam por cuidados institucionais e adotados carregam consigo uma marca educacional estigmatizada.

Trazendo as discussões dos autores para a temática das crianças e adolescentes em acolhimento institucional e adotados, podemos elencar situações de sala de aula que são apresentadas com insistência aos alunos por meio de trabalhos solicitados no ambiente escolar, como ‘traga foto da

'gestante', perguntas como 'quem escolheu seu nome' ou até mesmo 'faça sua árvore genealógica'. Todas essas situações são apenas para famílias biológicas com pai, mãe e filhos. E não são boas para os filhos acolhidos, para as famílias de duas mães, dois pais, pai e filhos; em suma, as diversas famílias que hoje compõem nosso cotidiano por meio dessa diversidade. Essas situações relatadas podem ser adaptadas sem serem exclusivas, fazendo uma forte identificação dos conceitos e pesquisas desenvolvidas por Skliar (2005) que refletem a necessidade de maior atenção à singularidade do outro na igualdade e na diferença; e uma educação plural, criativa, sem as regras rígidas padronizadas na exclusão.

Skliar (2005) resume bem a falta de um lugar para esse grupo de alunos invisível aos olhos do mundo. Essa comparação não é uma crítica ao professor, mas à sociedade. No entanto, em sala de aula, é preciso saber que a educação tem a ver com a prática da liberdade. Esse pensamento se correlaciona com o trabalho de Cunha (1992), no qual ele afirma que há um consenso sobre os comportamentos que se esperam de um aluno e o mesmo acontece em relação ao professor. Isso significa que parte da relação professor-aluno já está socialmente predeterminada. Na escola, o professor e o aluno são protagonistas, portanto, constroem o ensino e a aprendizagem juntos. Ao conhecer as experiências de seus alunos, a realidade em que vivem, o professor poderá utilizar diferentes métodos exercendo um olhar diferenciado e afetivo.

O professor e a instituição de ensino devem estar cientes de que, nos dias de hoje, é fundamental se adaptar ao mundo moderno e às novas demandas da sociedade. Isso inclui a adoção de pedagogias que reconheçam a importância da horizontalidade no processo de ensino-aprendizagem. Ao contrário da abordagem vertical, que limita a participação ativa do aluno, a abordagem horizontal permite que o aluno assuma um papel mais ativo e participativo em sua própria educação.

Para que essa abordagem seja eficaz, ela precisa ser baseada em pilares sólidos que promovam o desenvolvimento e o aprimoramento do ser humano. Dessa forma, o ensino deve se tornar mais atualizado e adequado às evoluções mentais e emocionais dos alunos. A transição para uma abordagem em que tanto o aluno quanto o professor trabalhem juntos para o ato de conhecimento é fundamental para que a educação possa evoluir com segurança e atender às necessidades da sociedade contemporânea.

A experiência da adoção pode ser mais conhecida em nossa sociedade, mas há mais um fator que é social: crianças e adolescentes em acolhimento são uma minoria pouco vista e muitas vezes invisível aos olhos da sociedade. Ambos os grupos enfrentam o desafio de serem ignorados e desconsiderados pela sociedade, o que pode ter sérias consequências para seu desenvolvimento e bem-estar. É importante que esses grupos sejam reconhecidos e incluídos nas políticas públicas e sociais, para que possam ter acesso aos seus direitos básicos e à possibilidade de uma vida digna e plena. Há

uma explicação para as diferenças entre crianças e adolescentes que vivem em famílias ou aqueles que vivem em instituições. Nas "Casas-Casa", por exemplo, em que as famílias são contratadas pelo Município, e essas modalidades institucionais de acolhimento costumam estar vinculadas a órgãos não governamentais. Eles recebem no máximo dez crianças e adolescentes. Assim, essas famílias são responsáveis pelas crianças enquanto seus processos judiciais estão em andamento. Eles têm uma mãe social (assim como os pais e irmãos dessas famílias).

Essas famílias, com mães sociais, têm direitos trabalhistas garantidos, estão cadastradas na entidade promotora do serviço. Nas férias e folgas, são substituídos por outros funcionários ou mesmo por padrinhos afetivos. Um lar adotivo tem um contexto muito diferente de "Home houses". As equipes das instituições estabeleceram regras, horários a serem cumpridos e sempre primam pelo bom comportamento no local. No entanto, nessas instituições de acolhimento ou nas casas de repouso, há uma enorme lacuna nessas crianças e adolescentes, que não recebem a devida atenção por meio do afeto, da preocupação direcionada do pai ou da mãe, causando uma grande necessidade que deixa marcas para a vida. Uma dessas marcas é o desprezo pela escola, ensino e material escolar ou uniformes. Eles estão tão submersos na desilusão que estão experimentando que não encontram mais sentido em ser um bom aluno ou aprender. Para eles, o 'tanto faz' se torna uma constância em seus pensamentos, assim como atos transgressivos.

Ao compreender essas características contextuais que envolvem a realidade social de crianças e adolescentes adotados e em acolhimento, entende-se o conceito de invisíveis como: são crianças e adolescentes que não são reconhecidos na escola e na sociedade por sua realidade e história. A inversão do conceito de invisíveis para o aluno adotado ou adotado institucionalmente só está sujeita a modificações no contexto atual quando há um problema que chama a atenção do professor para aquela criança. Em outras palavras, essa invisibilidade só é percebida quando seu aprendizado não corresponde ao aprendizado das outras crianças da classe. Nesse sentido, as Pedagogias do Acolhimento são entendidas como práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas para compreender a realidade e a diversidade dos alunos que a compõem.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Foi realizada uma investigação com a participação de pais, mães, gestores e professores que lidavam com crianças e adolescentes abrigados em instituições e adotados. O estudo utilizou uma abordagem descritivo-exploratória baseada na metodologia de Yin (2010) e coletou dados por meio de entrevistas semiestruturadas. Uma oficina de integração foi realizada com alunos da terceira série em duas ocasiões para coletar informações sobre suas experiências.

A escola escolhida foi uma instituição municipal de Caxias do Sul, com 505 alunos diurnos e 45 noturnos, representando um percentual de 0,8% de crianças e adolescentes adotados, em linha com a média nacional. Das 29.000 crianças em acolhimento institucional no Brasil, segundo dados do Sistema Nacional de Adoção, 33,8% têm até seis anos de idade. Os 66,2% restantes são crianças e adolescentes em idade escolar. Assim, para dois milhões de crianças escolarizadas no Brasil, 0,0045% são crianças e adolescentes adotados em idade escolar.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Gil, 1999) com o professor e o coordenador pedagógico na escola. Foi feita uma gravação de áudio com o uso de um aplicativo de celular e também uma gravação de vídeo, com o auxílio do notebook. Com o diretor, também gravamos a entrevista por meio de um laptop e áudio por meio de um aplicativo móvel no escritório do diretor.

As entrevistas com as famílias foram realizadas de várias maneiras. Um deles foi remotamente, por meio do Google Meet. Esta entrevista foi gravada no laptop. A segunda entrevista foi realizada presencialmente na escola, após a aula. Esta entrevista foi gravada em áudio, aplicativo móvel. A terceira entrevista foi na casa da mãe, gravada em áudio, aplicativo de celular. E a quarta entrevista, também por meio do Google Meet, com gravação de imagens e áudio por meio de um aplicativo de celular.

A preparação para o workshop de integração foi muito abrangente. Primeiramente, foi elaborado o material que seria utilizado para essa integração. Após a pesquisa adquirir um cenário de história infantil portátil, com personagens que são movidos por pessoas, a história infantil foi escrita, com a gravação da narração com o auxílio de um aplicativo de celular. Foi necessário editar a história com fundo musical e design de som em um editor Adobe Premiere.

A oficina foi realizada em sala de aula e recebeu a atenção de 22 alunos e professor, que permaneceram na sala de aula. Foi realizado com alunos matriculados no terceiro ano do ensino fundamental. Nesta classe, duas crianças são adotadas. Os olinhos das crianças se iluminaram acompanhando a narrativa e observando seus colegas fazerem o enredo da história. No final, todos foram convidados a escrever três palavras que mais chamaram sua atenção na história. Durante a oficina, observou-se que as duas crianças adotadas focaram sua atenção na história e interagiram da mesma forma que as outras crianças. Em uma segunda aula, após o intervalo, as crianças participaram de uma atividade com mímica, quando foram questionadas sobre seus animais de estimação, as emoções encheram a sala de aula. Após outra dinâmica com música e mímica relacionada a esses animais, surgiram palavras gravadas pelas crianças caracterizando o trabalho realizado.

O perfil dos participantes da pesquisa inclui uma professora e uma coordenadora pedagógica, ambas de etnia branca e com experiência no Ensino Fundamental. O professor, de 52 anos, é licenciado

em Magistério e licenciado em Matemática, enquanto o coordenador tem 44 anos e é licenciado em Pedagogia, com 15 anos de experiência. O diretor, de 38 anos, é Licenciado em Letras – Inglês e Pós-Graduado em Tecnologias na Educação. Também foram entrevistadas quatro famílias, que no total adotaram 12 crianças, sendo quatro da escola pesquisada e as outras oito de outras escolas públicas. Os pais e mães participantes da pesquisa representam uma variedade de contextos familiares: (a) Mãe 1: Viúva, 69 anos, que adotou quatro adolescentes e estudou até a terceira série do ensino fundamental; (b) Mãe 2: Casada, 42 anos, ela e o marido adotaram dois filhos, além de terem uma filha biológica na mesma escola; (c) Mãe 3: Viúva, 52 anos, que adotou cinco filhos, incluindo crianças e adolescentes. (d) Mãe e pai 4: Casal, com idades de 39 e 55 anos, respectivamente, que adotou uma menina de 8 anos. Esses participantes contribuíram para uma compreensão abrangente das experiências de adoção e acolhimento familiar na comunidade escolar. A pesquisa foi iniciada oficialmente após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O objetivo da utilização da metodologia de análise de conteúdo de Bardin (1994) foi explicar o conteúdo das entrevistas desta pesquisa, para compreender suas mensagens em profundidade. Na fase de pré-análise, as falas dos participantes foram lidas e relidas para identificar os temas-chave e, em seguida, organizadas por cor durante a análise. Isso permite uma compreensão detalhada das pedagogias de recepção por meio da exploração das entrevistas e triangulação com outras fontes de dados. Por fim, foram construídas três categorias de análise para a interpretação, que são: Categoria (1): Pedagogias de Recepção; Categoria (2): Planejamento da estratégia pedagógica; e Categoria (3): Impactos do cuidado institucional na educação.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Os dados coletados na pesquisa permitem inferir que há um abismo na compreensão e diferenciação entre os três conceitos sobre crianças e adolescentes que foram objeto de estudo desta pesquisa: (a) Acolhimento Familiar; (b) Adotados; e (c) Adotados tardios. Explica-se que:

- (a) Situação de Acolhimento Familiar – Criança ou adolescente que está em instituição de acolhimento familiar devido à decisão judicial de acolher esses indivíduos por questões de vulnerabilidade.
- (b) Adotados – Recém-nascidos ou adotados em tenra idade que são colocados em uma família por adoção, com um máximo de três a cinco anos.
- (c) Adotados tardios – Quando crianças ou adolescentes são adotados em idade incomum para serem escolhidos no perfil de adoção entre três e seis anos de idade.

A adoção é um processo legal que permite que uma pessoa ou casal assuma a responsabilidade

legal por uma criança ou adolescente que não é deles biologicamente. O objetivo é garantir que a criança ou adolescente tenha uma família em um ambiente seguro e amoroso, além de acesso à educação, saúde e bem-estar. O processo de adoção é regulamentado pela legislação de cada país e geralmente é conduzido por agências governamentais ou organizações não governamentais especializadas em adoção. O processo pode ser longo e complexo, envolvendo avaliações psicológicas, sociais e jurídicas dos possíveis adotantes. Adotar uma criança ou adolescente pode ser uma decisão difícil que envolve muitas mudanças na vida dos candidatos. Nas famílias biológicas, também é um desafio. O que muda é a forma como essa família é constituída.

O estudo de crianças em acolhimento familiar é um desafio para todas as redes educacionais. Crianças em acolhimento e acolhimento geralmente são retiradas de suas famílias devido a situações que produziram vulnerabilidade física e/ou psicológica. Assim, eles são removidos de suas casas até que possam recebê-los novamente ou sejam enviados para adoção. Durante esse período de cuidado, essas crianças precisam receber apoio emocional e educacional para que possam viver socialmente. Muitas vezes, essas crianças chegam aos abrigos sem ter frequentado a escola ou sem ter um histórico escolar consolidado.

As informações coletadas até o momento permitem inferir que há um abismo na compreensão e diferenciação entre os três conceitos sobre crianças e adolescentes adotados e acolhidos, conforme explicado acima. A diferença entre os três conceitos emergiu tanto na pesquisa teórica quanto nos relatos de todos os entrevistados, sem exceção. Portanto, entendeu-se que a criança em acolhimento institucional ainda é a mais prejudicada em todos os aspectos da vida. Percebeu-se que suas dificuldades de aprendizagem exigem novas perspectivas pedagógicas, com um aprofundamento do fato de que essas crianças não aprendem devido a vínculos relacionais que não são efetivos e que são constantemente rompidos por questões legais e burocráticas que englobam os espaços de acolhimento institucional.

Nesse sentido, as pedagogias acolhedoras fazem parte de uma abordagem que visa criar um ambiente acolhedor e seguro para os alunos, onde eles se sintam à vontade para expressar suas emoções e sentimentos. A educação socioemocional é uma das formas de implementar pedagogias de acolhimento, pois envolve o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades comportamentais para lidar consigo mesmo e com o resto da sociedade. Tais habilidades incluem empatia, paciência, autoconhecimento, autonomia, resiliência, criatividade e comunicação assertiva. Acolher sentimentos é um processo que envolve reconhecer emoções e identificá-las para lidar melhor com as reações que temos a cada uma delas.

Na primeira categoria de análise, identificamos que as pedagogias do acolhimento são

estratégias educativas fundamentais para criar ambientes escolares acolhedores e inclusivos, promovendo o respeito à diversidade e garantindo a integração de todos os alunos, incluindo aqueles que foram adotados ou estão sob cuidados institucionais. Na pesquisa realizada, observou-se que a coordenação pedagógica e os professores da escola pesquisada foram capazes de adaptar suas práticas educativas para atender às demandas das crianças adotadas em idades mais avançadas, demonstrando empatia e agilidade na resolução de questões específicas. Além disso, a relação de confiança entre professor e aluno desempenhou um papel crucial no sucesso dessas crianças no ambiente escolar.

É importante ressaltar que o processo de ensino-aprendizagem é complexo e requer uma compreensão profunda das particularidades de cada aluno, bem como do contexto social e emocional em que estão inseridos. Portanto, a inclusão efetiva desses alunos requer uma abordagem sensível e adaptativa por parte dos educadores, garantindo que todos os alunos possam atingir todo o seu potencial acadêmico e emocional. As Pedagogias de Acolhimento favorecem o estabelecimento de um contexto relacional entre escola e família. A prioridade nesses casos de adoção e crianças em acolhimento só ocorre a partir desse entendimento por ambas as partes, ao iniciar um trabalho, visando o sucesso da aprendizagem de todas as crianças.

Os profissionais da escola que participaram da pesquisa afirmam que não existem pedagogias específicas para acolher e promover a aprendizagem de crianças e adolescentes adotados ou em acolhimento institucional. No entanto, existem Pedagogias de Acolhimento que foram vivenciadas com todos os alunos da escola. O próprio nome "Pedagogias do Acolhida" não era conhecido pelos entrevistados e, com sua participação na pesquisa, identificaram práticas desenvolvidas e eficazes para atender com sucesso uma criança ou adolescente adotado. E para as crianças e adolescentes que ainda estão em acolhimento, essas Pedagogias do Acolhimento precisam ser mais vivenciadas, pois hoje não percebem a efetividade da aprendizagem em momentos de dificuldade ou necessidades dessas crianças e adolescentes. Os profissionais entrevistados expressaram sua emoção ao ver os impactos positivos das práticas cotidianas vivenciadas.

Todas essas experiências são vividas apenas por causa das emoções que emergem delas. Maturana (ano) define o ser humano através das emoções, indicando que é necessário valorizar o conhecimento de nossos filhos e orientá-los na direção de ser, de conhecer e de fazer o que se relaciona com seu mundo cotidiano. Pelo que essas crianças e adolescentes já sabem, mesmo que desordenados e falhos, é possível reforçar os programas de apoio escolar existentes. Um exemplo disso foi o projeto *Mais Alfa*, que vinha sendo oferecido há dois anos na escola estudada. O programa visava resolver as dificuldades de alfabetização de todos os alunos matriculados na escola. Com isso, foram propostas ações diárias na escola para ajudar nas questões de alfabetização e lacunas de aprendizagem.

Com os relatos nas entrevistas, foi possível observar que as Pedagogias de Acolhimento para crianças e adolescentes em acolhimento institucional ou adotadas foram escolhidas dentro das ações existentes na escola e utilizadas conforme as situações chegadas. Assim, foi possível perceber e ouvir esses alunos pois, segundo Freire (1996), é preciso saber ouvir o aluno e ter afeto por ele, sendo impessoal ao avaliar, percebendo, de fato, a evolução do aluno ao longo do percurso educacional.

Dentro de um contexto relacional, existe uma relação de troca entre aluno e professor. O aluno não tem culpa pelo que é capaz de apresentar, como foi percebido na pesquisa "A Produção do Fracasso Escolar quando Patto (1999) acompanhou a trajetória de alunos que tiveram baixo desempenho escolar e os resultados apontaram para a culpabilização da criança. Os profissionais da escola devem dialogar coletivamente sobre as situações e buscar soluções para elas, que advêm do conhecimento e da prática cotidiana escolar. E mais uma vez se expressa que não existem pedagogias de acolhimento específicas para crianças e adolescentes em acolhimento ou situações adotadas, mas há a necessidade de observar atentamente a diversidade e buscar ações dentro das muitas Pedagogias de Acolhimento existentes, para acolher efetivamente a todos no espaço escolar, proporcionando o estabelecimento de relações humanas que favoreçam a aprendizagem.

Na segunda categoria de análise, destacamos a importância do planejamento pedagógico como ferramenta fundamental para o trabalho docente, que é ampliado pelo enfrentamento de lacunas de aprendizagem em alunos adotados ou no cuidado institucional. Por meio do planejamento, os professores podem adequar suas práticas educacionais para atender às necessidades específicas de cada aluno, personalizando o ensino de acordo com suas habilidades. É crucial que o planejamento conte com objetivos claros para cada aula e que os professores estejam abertos para ajustar suas abordagens conforme necessário. Um exemplo ilustrado nas entrevistas foi a história de um aluno recém-adotado que enfrentou dificuldades de aprendizagem devido a traumas passados. Seu professor desenvolveu estratégias alternativas de avaliação, como tarefas manuais, para permitir que ele demonstrasse seu conhecimento de uma maneira diferente. Essa abordagem personalizada ajudou o aluno a se sentir valorizado e motivado, resultando em um progresso significativo em sua jornada educacional.

Além disso, a pesquisa destaca a importância da empatia e compreensão das experiências de vida únicas de cada aluno, especialmente aqueles que foram adotados ou estão em um orfanato. Os professores devem estar preparados para lidar com as dificuldades emocionais e cognitivas desses alunos, proporcionando um ambiente acolhedor e de apoio para o seu desenvolvimento. Também ressalta a necessidade de uma abordagem holística da educação, que considere não apenas o aspecto cognitivo, mas também o emocional e social dos alunos. Os professores desempenham um papel

crucial em ajudá-los a crescer como seres humanos completos, incentivando sua autonomia, criatividade, curiosidade e ajudando-os a construir seu próprio projeto de vida.

É significativo perceber que a escola continua sendo uma ponte de apoio fundamental enquanto a criança está frequentando o ambiente escolar, pois os professores impactaram a vida dessas crianças e adolescentes no âmbito desta pesquisa. Quando os professores compõem o plano pedagógico, podem preparar-se para as várias situações a serem encontradas durante o ano letivo. Os entrevistados demonstraram que utilizaram as potencialidades dos alunos, sugerindo novas práticas ou novos instrumentos de avaliação, incluindo outras formas de registro, além da escrita. Para que essa experiência seja possível, é preciso ter um planejamento pedagógico, que englobe todas as atividades que serão executadas durante o ano, além de considerar a existência do imprevisto e sempre ampliar o olhar para a diversidade.

Na terceira categoria de análise, impactos do cuidado institucional, percebemos que, embora seja uma medida importante para proteger crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, enfrenta desafios significativos em relação à educação desses indivíduos. Nesse sentido, entendemos que o acolhimento institucional é uma estratégia protetiva estabelecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente que visa garantir a proteção integral de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social.

A falta de integração entre instituições de acolhimento e escolas muitas vezes resulta em uma lacuna de comunicação, o que dificulta o monitoramento adequado do desenvolvimento educacional e emocional das crianças adotivas. Os cuidados institucionais devem manter contato regular com a escola em que as crianças e adolescentes estão matriculados. Em entrevista para esta pesquisa, a professora afirmou que trabalhar com crianças acolhidas na escola é desafiador justamente por não haver comunicação com a instituição que realiza o acolhimento. Isso faz com que os professores exijam o desempenho da criança apenas na escola, sem enviar atividades ou trabalhos de casa. E as crianças que estão em um orfanato, para os professores, são as mais prejudicadas.

Além disso, as crianças não têm interesse na escola, seu foco é diferente, seu olhar está no sofrimento que estão vivenciando. A falta de participação e voz das crianças nas decisões que afetam suas vidas dentro do sistema de acolhimento pode levar a um sentimento de desorientação e sofrimento constante. Essas questões são agravadas pelo fato de que muitas crianças em lares adotivos têm histórias de negligência e traumas significativos, o que requer uma abordagem sensível e personalizada da educação.

Por meio das entrevistas, percebeu-se que dentro das pedagogias de acolhimento existentes, algumas muito específicas foram escolhidas pela escola e seus sujeitos para atender crianças e

adolescentes em acolhimento. Eles foram realizados conforme necessário, como 'tentativa e erro' de maneira não oficial.

Também foram feitas perguntas sobre o papel da escola na vida das crianças em acolhimento institucional. Uma das professoras que já trabalhou em escolas com crianças adotivas diz que o papel da escola é acolher e dar o apoio que a criança precisa, mas, pela sua experiência, apenas dentro da escola. Para os professores, há uma diferença tanto no aprendizado quanto no comportamento das crianças que já foram adotadas para as crianças que ainda estão sob cuidados institucionais. As crianças em um orfanato não têm uma referência em casa de que possam pedir ajuda escolar. Casos de sofrimento também fizeram parte da história na escola estudada. O diretor, com um semblante triste, narrou o caso de uma menina da nona série que vivia em instituições de acolhimento. Mas a comunicação com a instituição era complicada, pois a 'mãe social' tinha outras dez crianças e adolescentes para atender dentro da instituição.

Esses relatos da professora e da diretora mostram um contexto em que a invisibilidade do sofrimento de crianças e adolescentes em acolhimento institucional é latente. Há necessidade de mudança nas diretrizes políticas que conduzem a ação dentro de uma instituição de acolhimento nos processos de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes dessa instituição. O que a escola pode fazer para amenizar a situação dessas crianças e adolescentes em acolhimento institucional é ampliar o apoio a eles com a abordagem de pedagógicas acolhedoras, desde o planejamento docente, apoio emocional, ações de avaliação diferenciadas, diálogos constantes, entre outros.

E como as crianças percebem o cotidiano com crianças e adolescentes adotados ou institucionalizados? Percebeu-se na oficina de integração com a participação de 22 alunos do terceiro ano do ensino fundamental que houve uma integração constante entre todos os alunos da turma, bem como com a pesquisadora. A oficina tinha um objetivo a ser alcançado, que era observar a integração das crianças que eram adotadas por suas famílias com as demais crianças da turma. No entanto, o resultado foi ampliado, pois surgiram amplas devorais, que corresponderam às entrevistas realizadas na escola. O exemplo da escola trabalhando com múltiplos idiomas abre o leque de possibilidades educacionais e de aprendizagem, além de contar com uma rede de apoio fortalecida entre escola e famílias. Para enfrentar esses desafios, é fundamental repensar as práticas de cuidado infantil, promovendo uma comunicação mais efetiva entre instituições e escolas, envolvendo ativamente crianças e adolescentes nos processos de tomada de decisão que afetam suas vidas e desenvolvendo estratégias educacionais inclusivas e sensíveis às suas necessidades específicas. Isso pode envolver a implementação de pedagogias de acolhimento adotivo personalizadas, a criação de espaços seguros e de apoio dentro das escolas e o fornecimento de apoio adicional para enfrentar os desafios emocionais

e educacionais únicos enfrentados por esses jovens em lares adotivos.

5 BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas reflexões, especificamente no campo da educação, reunidas as ideias dos autores, têm contribuído para a superação das teorias de cunho objetivista, nas quais prevalece uma visão reducionista do mundo. Neste artigo entende-se que crianças e adolescentes adotados ou em acolhimento institucional se enquadram na situação de invisíveis, pois não são percebidos como indivíduos e possuem uma realidade que impacta seus estudos até que ocorra uma situação-problema e chame a atenção dos envolvidos com essa realidade.

Um exemplo é quando podemos especificar que indivíduos considerados invisíveis são aqueles que sofrem marginalização e exclusão social, muitas vezes ignorados e desconsiderados pela sociedade. Contudo, essa invisibilidade não se deve apenas à falta de atenção, mas também à sensação de desconforto que esses grupos causam em quem não quer alcançar os outros.

Deixar de agir diante da realidade alheia pode ser uma forma de manter uma vida plena, sem culpa. Apesar disso, essa atitude de indiferença pode ter sérias consequências e perpetuar a exclusão social desses indivíduos. Quando dizemos que todos ganham, significa que o desconforto, muitas vezes a culpa, o 'virar da cara', não terá mais peso na vida do cidadão.

A invisibilidade social é um fenômeno psicossocial pelo qual um sujeito com capacidade de se relacionar é apagado por outro. É o resultado de um ciclo, causado pela desigualdade e distanciamento social. A invisibilidade tem como definição concreta, a falta de respeito e preconceito que muitos acabam como sofrimento, ou seja, as pessoas evoluem tornando-se invisíveis aos olhos da sociedade. Com o fator inclusão para todos, os grupos distantes lutam para ter um espaço digno. No entanto, eles sozinhos não têm força para emergir de onde foram "enterrados".

Por essa razão, grupos conscientes da sociedade capitalista estão se movendo em direção à integração da humanidade. O que não está claro é que todos ganham. Os resultados da pesquisa mostraram que os professores só têm conhecimento sobre adoção por terem vivenciado situações com crianças adotadas e em acolhimento nas escolas onde atuavam. Em um desses momentos, certamente foi a primeira vez que aprenderam sobre o assunto e tiveram que organizar a situação de acordo com a experiência em andamento. Eles não têm conhecimento sobre as necessidades das crianças em adoção ou orfanato. Esses resultados demonstram a urgência de abordar a adoção e o acolhimento institucional como tema para a formação inicial e continuada de professores.

Já as crianças institucionalizadas precisam de um outro olhar, que vá além do olhar que a criança adotada precisa. Para esta pesquisa, o que emergiu foi a discrepância entre essas duas realidades

de filhos adotivos e adotivos. E os adotados ainda diferenciam entre adotados em tenra idade e adotados tardivamente. Esses achados foram baseados nos relatos tanto dos funcionários da escola quanto das famílias por adoção, pois todas as crianças por adoção dessas famílias viveram em algum momento de suas vidas em Instituições de Acolhimento. Não existem pedagogias específicas para o acolhimento de crianças e adolescentes adotados e em acolhimento institucional. No entanto, existem pedagogias de acolhimento para todos os alunos, sendo que algumas delas foram escolhidas para serem aplicadas em crianças e adolescentes adotados, e outras ainda mais específicas para crianças e adolescentes em acolhimento institucional.

Na oficina de integração com as crianças, percebeu-se que elas não fazem distinção entre si. Eles se sentem parte de um coletivo e estão integrados ao grupo. Essa é a verdadeira diversidade. Não é separar e classificar as pessoas, mas uni-las todas, apesar de suas diferenças. O sentimento de pertencimento ao espaço escolar é desenvolvido dentro da criança que é acolhida. Não importa a idade, dada a plasticidade do desenvolvimento humano, que pode ocorrer de diferentes formas, entendemos a possibilidade de restabelecer (ou ressignificar) vínculos afetivos entre pessoas que vivenciaram relações conflituosas e até violentas. As pessoas constroem laços emocionais ao longo de suas vidas, portanto, se os eventos passados são significativos, os eventos atuais também são significativos e têm o poder de mudar o curso de seu desenvolvimento.

Nessa perspectiva, a criança começa a se sentir segura quando percebe que o ambiente a percebe de forma visível e que os profissionais a estão ajudando a se integrar com sucesso. A rede de apoio e a confiança no potencial um do outro fazem com que eles queiram desenvolver seu potencial. A palavra que define o sucesso de crianças e adolescentes adotados ou em lares adotivos é união. Família, instituição de acolhimento e escola precisam atuar em conjunto, de forma a possibilitar segurança, comunicação, empatia e respeito às suas histórias e dificuldades em ambos os ambientes.

Vários teóricos citados neste artigo enfatizam a necessidade de um compromisso com a educação para os marginalizados da sociedade. Esse também é o engajamento evocado neste estudo para contextualizar o grupo de crianças e adolescentes adotados ou em acolhimento institucional, muitas vezes negligenciados e invisibilizados.

Reiteradamente, os impactos adversos do acolhimento institucional para crianças e adolescentes foram destacados neste artigo, que apresenta os resultados de uma investigação. Destaca-se a invisibilidade desses jovens, cujas vozes e experiências são muitas vezes ignoradas, enquanto seus destinos são moldados por outros, sem seu consentimento ou participação ativa. A falta de informações sobre os eventos que levaram a criança ao ambiente de acolhimento institucional, a incerteza quanto ao tempo de sua permanência nesse contexto e a falta de clareza sobre as consequências futuras,

evidenciam a lacuna no cuidado e na autonomia de crianças e adolescentes em situação de cuidado ao longo de sua jornada.

Tornar as minorias visíveis ainda é um grande desafio global. E quando se trata de crianças em instituições de acolhimento, que precisam de adultos para defendê-las, resulta em uma grande utopia acreditar que algo será efetivamente feito por elas. Isso é diferente com a criança que já foi adotada e está cercada de proteção familiar, como as crianças da maioria das famílias.

REFERÊNCIAS

BATISTA, L. A. S. A fábula do garoto que quanto mais falava sumia sem deixar vestígios: cidade, cotidiano e poder. In: *Psicologia e educação: novos caminhos para a formação*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001.

BUARQUE, C. *Os inimigos: a aventura da opinião na fronteira dos séculos*. [S.l.]: [s.n.], 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

GANCHOS, B. *Ensino a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1994.

LE CLÉZIO, J. M. G. *Os filhos da miséria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MATURANA, H. R.; MAGRO, C.; GRACIANO, M.; VAZ, N. (Org.). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SKLIAR, C. A invenção e a exclusão da alteridade "deficiente" a partir dos significados da normalidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, 1999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/55373>. Acesso em: 2 jun. 2025.

SKLIAR, C. (Org.). *Derrida & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SKLIAR, C. *A escuta das diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2019.

WELTER, B. C.; WERLE, C. O. F. Processos de invisibilização na avaliação em larga escala. *Scielo Brasil*, [S.l.], 2020.